

SALA DE AULA: UM LUGAR PARA DISCUTIR RELIGIÃO E RACISMO

Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow*

Resumo: A questão do racismo está presente em muitas situações cotidianas, mas pouco reconhecidas sob a pelagem do preconceito. A piada, comumente utilizada em sala de aula nas abordagens entre estudantes, pode ser encarada em determinados casos como apenas um exercício de humor, porém carrega em seu conteúdo ofensas raciais e raízes profundas de degradação, exploração e sujeição dos/as afrodescendentes. Neste sentido, o estudo das raízes africanas pode proporcionar uma aproximação entre o conhecimento e a superação de ações preconceituosas baseadas no racismo. Desta forma, é preciso valorizar e reconhecer a religiosidade presente em sala de aula e desmistificar demonizações que são utilizadas para qualificar as religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Racismo. Ensino Religioso. Direitos humanos. Alteridade.

Considerações iniciais

Para iniciar os destaques que serão elaborados a seguir neste estudo, apresentam-se algumas questões que exemplificam o racismo presente nas relações cotidianas no Brasil, sempre disfarçadas de “brincadeiras”, mas dificilmente assumidas como preconceito. Parece que estão tão normalizadas as imagens caricaturadas dos/as afrodescendentes, quase como parte do modo de ser brasileiro, que é natural que programas de TV¹ ou shows de humor², retratem-os/as como inferiores e destinados/as às mais diversas mazelas da sociedade. Outro fato são as vozes que se levantam em defesa de praticantes de racismo, ao ponto, que se torna

* Doutorando em Teologia pela Faculdades EST com financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Licenciado em Pedagogia – Series Iniciais pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Contribui com o Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos, Núcleo de Estudos de Ética Contemporânea e com o Grupo de Pesquisa em Currículo, Identidade Religiosa e Práxis Educativa. E-mail: thyelesbs@yahoo.com.br.

¹ Organizações do Movimento Negro e de Mulheres. *Carta aberta contra o programa Zorra Total* “Racismo não tem graça nenhuma!”. 11/09/2012. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-do-inesc/2012/setembro/carta-aberta-contr-o-programa-zorra-total-2011cracismo-nao-tem-graca-nenhuma-201d>>.

Acesso em: 15 jan. 2015.

² LUCCA, Guss de. *Mesmo com denúncia de piada racista, "Proibidão do Stand Up" vai continuar*. 15/03/2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/mesmo-com-denuncia-de-piada-racista-proibidao-do-stand-up-vai-co/n1597695407469.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

uma ofensa a quem comete racismo falar que tal ato é racista.³ Numa profunda inversão de papeis, a vítima se torna a própria culpada de sua situação de vitimização.

Esta forma de racismo camuflada de brincadeira está presente em todos os âmbitos da sociedade brasileira e na escola não seria diferente. Em muitos casos o/a professor/a é desafiado a mediar um conflito que tenha como pano de fundo o preconceito racial. Na maioria das vezes, estes nem chegam ao conhecimento do/a professor/a por meio de uma denúncia, mas muito mais por um olhar cuidadoso para a questão. Não é de causar espanto que esta situação esteja presente na sala de aula, mas ela não pode passar pela sala de aula sem um trabalho de ressignificação e de conscientização do crime cometido, porque antes de qualquer coisa, racismo é crime. Foi nesta perspectiva que se desenvolveu na turma de quarto ano de uma escola municipal, um projeto que pautava o tema e tinha como principal objetivo aproximar os/as estudantes da cultura e religiosidade afrodescendente, num processo de alteridade, com a finalidade de proporcionar o reconhecimento e a ressignificação da história e dos processos sociais de exclusão aos quais as pessoas afrodescendentes são submetidas.

Dado estes apontamentos, o presente artigo pretende apresentar, de forma resumida, o projeto desenvolvido ao longo do terceiro trimestre de 2014,⁴ apontando que é necessário um exercício constante de desconstrução da ideia de inferioridade⁵ vinculada à cultura afrodescendente, tendo como apoio a valorização e o reconhecimento da religiosidade presente em sala de aula. Assim, é possível desmistificar demonizações que são utilizadas para qualificar as religiões de matriz africana. Para tanto, inicia-se com estas palavras iniciais, no segundo ponto será apresentado um breve panorama geral da situação afrodescendente no Brasil, posteriormente, algumas pontuações sobre a motivação do projeto e conceitos que o embasaram, bem como, serão apresentadas as atividades desenvolvidas e os resultados alcançados, finalizando, com as considerações finais pertinentes.

³ LIMA, José Antônio. *Só falta ao Brasil legalizar o racismo*. 12/09/2014. Disponível em: <<http://esportefino.cartacapital.com.br/patricia-moreira-racismo-aranha-gremio/>>. Acesso em: 13 jan. 2015. MENDONÇA, Renata. *Caso Aranha fica sem julgamento*; 'Falta consciência negra ao Judiciário', diz OAB. 25/11/2014. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2014/11/25/caso-aranha-fica-sem-julgamento-falta-consciencia-negra-ao-judiciario-diz-oab.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015. É o caso da torcedora gremista que recebeu espaço na mídia para “se desculpar” pelo acontecido, tendo como justificativa o momento do jogo. A pena sugerida foi sua apresentação a uma delegacia em jogos do Grêmio o que o juiz Marco Aurélio Xavier considera como justiça feita: “A justiça foi feita, e a medida é proporcional à gravidade do fato”, excetuando-se uma pena mais rigorosa para o fato de proporção nacional.

⁴ O projeto foi desenvolvido numa turma de quarto ano numa escola da rede municipal de São Leopoldo/RS.

⁵ Esta cultura de inferioridade é redundante na sociedade brasileira, como mostra recentemente uma exposição de brinquedos que refere uma boneca negra como “neguinha do espanador”, uma clara evidência de uma destinação ao trabalho braçal e com valor de “status social” inferior. TORRES, Ana Carolina. *Boneca chamada 'Neguinha do Espanador' é exposta e causa polêmica em redes sociais*. 27/01/2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/boneca-chamada-neguinha-do-espanador-exposta-causa-polemica-em-redes-sociais-15159720.html#ixzz3Q0qGSpr>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

1 Breve panorama geral sobre a situação atual dos/as afrodescendente no Brasil

Este ponto revela uma enormidade de pesquisa que este artigo não tem como dar conta, logo, o que se pretende é apontar para alguns fatos que situam a problemática aventada por este estudo. Para tanto, serão apresentados algumas questões que são consideradas fundamentais para a compreensão e satisfação do objetivo posto. O primeiro ponto que se gostaria de apresentar é uma percepção de que as elites estão cada vez mais injuriadas com a ocupação de espaços, que antes lhes eram destinadas, pela classe pobre. Isto pode ser constatado em várias reações que denotam esta afirmação. Cada vez mais são encontrados discursos públicos que evidenciam um ódio social contra as pessoas de classes com menos poder aquisitivo. Como se esquecer do caso da professora universitária, que questionando o figurino de um homem que frequentava um aeroporto pergunta em seu perfil particular do *facebook*: “Aeroporto ou rodoviária?”.⁶ Ou então, após uma disputa eleitoral acirrada, a enxurrada de comentários discriminatórios contra “nordestinos/as” que evidenciaram a tensão evidente na sociedade brasileira.⁷ Fora isso não se pode esquecer a grande representante destes discursos de ódio que ocuparam a mídia, Rachel Sheherazade, enaltecendo “justiceiros/as” que linchavam acusados de banditismo pelo Brasil e ainda defendia que quem estivesse a defender os direitos humanos que adotasse um bandido.⁸ Neste último caso, as pessoas envolvidas aos comentários da jornalista eram jovens negros, que acusados de atentados contra a propriedade privada, eram amarrados em postes e torturados. Estes atos ocorreram em diversos lugares pelo Brasil.⁹ Não há como negar que o que está em jogo nestes

⁶ YAHOO. Professora vira alvo de polêmica após foto no Facebook. 10/02/2014. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/professora-vira-alvo-de-pol%C3%AAmica-ap%C3%B3s-foto-no-facebook-173303113.html>>. Acesso em 15 dez. 2014.

⁷ PORTAL FÓRUM. Resultado das eleições desperta preconceito contra nordestinos. 06/10/2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/10/resultado-das-eleicoes-desperta-preconceito-contra-nordestinos/>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

⁸ CORREIO. Jornalista causa polêmica com comentário sobre justiceiros: “Adote um bandido”. 06/02/2014. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/jornalista-causa-polemica-com-comentario-sobre-justiceiros-adote-um-bandido/?cHash=5dd9f4c6fec1d8ed81088d8c794a69e4>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

⁹ R7. Adolescente suspeito de roubo é espancado e amarrado nu em poste na zona sul do Rio. 03/02/2014. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/adolescente-suspeito-de-roubo-e-espancado-e-amarrado-nu-em-poste-na-zona-sul-do-rio-03022014>>. Acesso em: 03 jan. 2015. G1. Jovem é amarrado a poste e agredido após assaltar lanchonete em Itajaí. 13/02/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/02/jovem-e-amarrado-poste-e-agredido-apos-assaltar-lanchonete-em-itajai.html>>. Acesso em: 03 jan. 2015. MEIONORTE.COM. Vídeo de bandido amarrado em formigueiro ganha repercussão internacional. 19/02/2014. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/geral/video-de-bandido-amarrado-em-formigueiro-ganha-repercussao-internacional-238258.html>>. Acesso em: 03 jan. 2015. EM.COM. Jovem é amarrado a poste ao tentar arrombar carro no Bairro Santo Antônio. 26/02/2014. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/02/26/interna_gerais,502426/jovem-e-amarrado-a-poste-ao-tentar-arrombar-carro-no-bairro-santo-antonio.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2015. NEGRO BELCHIOR. Jovem negro é espancado e morto por populares no Espírito Santo. 11/04/2014. Disponível em:

discursos é uma herança cultural de racismo, que corre pelas veias tupiniquins. Ao passo que as classes sociais excluídas dos bens sociais começam a ocupar os espaços, os sentimentos coletivos de repulsa contra estas classes aflora e culminam em reações violentas.¹⁰

Talvez o que mais seja preocupante é que acompanhando estes episódios de racismo está a propagação dos discursos de ódio está cada vez mais evidente na rede mundial de computadores. Uma pesquisa feita pelo Labic (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura) da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) constatou que há uma tendência por compartilhamentos referentes a comentários e páginas vinculadas à polícia.¹¹ Estes dados são relevantes à medida que vão sendo construídas ideias de paz e justiça baseadas na eliminação do/a outro/a, daquele/a que me afronta, daquele/a que é diferente, e, principalmente, daquele/a que não deveria estar no mesmo lugar e patamar em que se encontram as elites.¹²

O mais chocante nos casos destacados acima é a naturalidade que tais ações de violência são escancaradas nas reações populares. Isto fica perceptível quando se observa as imagens dos jovens amarrados “em praça pública” e as pessoas passando e assistindo ao “show de justiça” como se tudo aquilo fosse “normal” ou ainda que “fizeram por merecer”. A sensação que fica é que há uma sede por encontrar representantes para se descarregar toda sede de vingança, destinando aos culpados a sina de “Judas” no sábado de aleluia. Como um analgésico que alivia a dor da consciência de uma sociedade acostumada a destinar os/as pobres às periferias, os/as negros/as às senzalas, os/as deficientes aos manicômios etc.

<<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/04/11/jovem-negro-e-espancado-e-morto-por-populares-no-es/>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

¹⁰ CORREIO24HORAS. *Professor causa polêmica ao dizer que prefere ser atendido por médicos brancos a negros*. 05/11/2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/professor-causa-polemica-ao-dizer-que-prefere-ser-atendido-por-medicos-brancos-a-negros/?cHash=c06bb430dd8c3e686e711ab6c9d7cab>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

¹¹ LABIC. *Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit*. 05/03/2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>>. Acesso em: 03 jan. 2015. “Os posts das páginas, em geral, demonstram o processo de construção da identidade policial embasada no conceito de segurança em que a paz se alcança não mediante a justiça, mas mediante à ordem, à louvação de armamentos e à morte do outro. Nos comentários, nenhuma mediação possível para qualquer pensamento civilizacional”.

¹² PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2015. O artigo trata de um experimento realizado com dois grupos nos quais são confrontados com um caso no qual uma gerente precisa escolher entre duas candidatas a uma vaga de emprego, uma branca e uma negra. A gerente escolhe a candidata branca. Ao grupo em que não foram dadas explicações sobre os motivos da escolha houve uma repreensão à atitude da gerente. Já ao grupo em que se foi justificada a escolha da gerente, esta foi entendida como profissional e coerente. Fica evidente que o racismo constituído como normalização cultural define os espaços sociais que os/as afrodescendentes podem ocupar.

Não há como negar que o “Judas Brasileiro” tem cor e tem classe e ele é sumariamente culpabilizado e executado sem direito a nada, muito menos à defesa. É a carne mais barata no mercado, parafraseando Elza Soares.¹³ Esta carne é que é consumida pelos ódios coletivos e que é destinada ao açoite e ao serviço. Esta carne que não pode em hipótese alguma ter o consentimento de ocupar os espaços destinados aos senhores da casa grande. Em relação a isto parte-se para o segundo ponto, no qual fica mais evidente qual é a carne mais barata. Ao analisar o estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre a situação afrodescendente no Brasil, pode se encontrar que em três assassinatos que acontecem no Brasil, dois são de pessoas negras.¹⁴ A resolução dos crimes relacionados com pessoas negras sempre tem uma justificativa simples: vítima do tráfico de drogas. Tudo que é ruim é relacionada aos/às afrodescendentes. É unanimidade entre a força policial que um homem negro sempre será o principal suspeito frente um homem branco. O homem negro será abordado em 21% quando dirigindo um carro de luxo, enquanto o branco em 2,6%.¹⁵ No Brasil, a morte de jovens negros é maior que em países em guerra¹⁶. A expectativa de vida de uma pessoa negra é 1,73 ano menor do que uma pessoa branca. Um/a afrodescendente tem 8 vezes mais chance de morrer do que uma pessoa branca. Em caso de agressão, 61,8% não procuram a polícia, pois 60,70% têm medo de represálias e 60,30% não acreditam que a força policial pode ajudar. Já a pessoa branca nestes dados caem respectivamente para 38,2% que não procuram a polícia, 39,70% por medo de represália e 39,30% por não acreditar numa resolução.¹⁷

¹³ Música A carne interpretada por Elza Soares.

¹⁴ WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014 – os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014. p. 130. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015. O autor apresenta dados que constata a queda no número de mortos de brancos e o aumento de negros, no período de 2002-2012: “Efetivamente, entre os brancos, no conjunto da população, o número de vítimas diminui de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, o que representa uma queda de 24,8%. Entre os negros, as vítimas aumentam de 29.656 para 41.127 nessas mesmas datas: crescimento de 38,7%”.

¹⁵ MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 50. Marx vai afirmar que “a segurança é o conceito social supremo da sociedade burguesa, o conceito da polícia, no sentido de que o conjunto da sociedade só existe para garantir a cada um de seus membros a conservação de sua pessoa, de seus direitos e de sua propriedade”. Parece que desta forma, prospectando uma imagem eurocêntrica ao qual o imaginário do ocidente foi pautado, a polícia age dentro deste princípio e reafirma o que de fato se tem como norma: a carne negra é a carne mais barata no mercado.

¹⁶ OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de; LIMA, VERÔNICA COUTO DE ARAÚJO. Segurança pública e racismo institucional. *IPEA: Boletim de Análise Político-Institucional*, Brasília, n. 4, p. 21-27, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/1301017_boletim_analisepolitico_04.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

¹⁷ Dados retirados da apresentação do diretor do Ipea sobre violência e racismo: CERQUEIRA, Daniel. *Boletim de Análise Político-Institucional: participação, democracia e racismo?* 17/10/2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/131017_bapi4_daniel_racismo.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014. Outro estudo que também deve ser mencionado pelo seu caráter revelador dos dados que corroboram com estudo apresentado acima desta realidade afrodescendente, mas com um olhar voltado para a pesquisa da juventude é SDH (Secretaria de Direitos Humanos). *Guia Municipal de Prevenção da*

Com este breve olhar para alguns dados que denotam a realidade brasileira da população afrodescendente, pode-se perceber que a problemática apresentada deveras necessita de intervenções nos mais diversos níveis sociais. Frente esta situação não se pode calar a sala de aula, nem muito menos, “varrer para debaixo do tapete” para esconder as próprias mazelas. A escola não está fora do mundo e por isso ela também se constitui como reprodutora deste sistema de produção de vítimas, no entanto, ela também pode ser um espaço para a mudança e contribuir para que, no tempo e na história, outras práticas possam ser desenvolvidas baseadas no reconhecimento da diversidade e na alteridade.

2 A religiosidade como ponto de partida: a sala de aula como espaço de pesquisa

No mundo pós-moderno em que se vive, por mais que se discuta se estamos na pós-modernidade ou não, os avanços da ciência e o desenvolvimento da tecnologia tem substituído as crenças religiosas e a função da transcendência na vida das pessoas. Se na concepção da secularização acreditava-se que a vida podia ser dividida numa dualidade Deus-mundo, parece que se enxerga na atualidade outro movimento que coloca a transcendência, juntamente com suas crenças culturais-religiosas em segundo, terceiro ou até quarto plano.¹⁸ A sociedade pós-moderna vive um tempo de respostas rápidas e acessíveis à sua mão, sem o compromisso com qualquer responsabilidade. O consumo é vendido assim. A propaganda e *marketing* expostos na mídia dizem que se deve aproveitar o máximo a felicidade e tudo deve estar ao dispor da vontade individual.

Neste ponto de vista se torna fundamental que a sala de aula seja um espaço de discussão das questões relacionadas à transcendência e à religiosidade,¹⁹ pois, por mais que as pessoas pós-modernas não tenham estas questões como as principais em suas vidas, as crenças fazem parte do imaginário das pessoas, principalmente, das crianças. Foi neste sentido que se pretendeu trabalhar proporcionando a aproximação com o desconhecido, para que, se pudesse reconhecer e se colocar na perspectiva do/a outro/a, num exercício de alteridade.

Violência Letal contra Adolescentes e Jovens. Rio de Janeiro: Observatório das favelas, 2012. Disponível em: <http://www.mdgfund.org/sites/default/files/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015.

¹⁸ MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. Goiânia, *XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, p. 01-06, 2009. p. 03-04. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

¹⁹ KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SILVA, Marcos Rodrigues da. Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso. São Leopoldo, *Identidade*, v. 16, n. 02, p. 249-258, 2011. p. 254-255. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/239/255>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

É importante fazer neste momento uma breve contextualização da turma e os processos desenvolvidos que culminaram na proposição do projeto. Antes de tudo também é necessário evidenciar que um dos conteúdos a serem desenvolvidos na turma era a formação da população do município de São Leopoldo/RS. Vale lembrar que a cidade é considerada o “Berço da Imigração Alemã”. Neste sentido, sempre o grande legado e as histórias contadas são relacionadas à imigração, em detrimento da história dos povos indígenas e dos povos africanos que contribuíram imensamente para a construção da cidade à base de sangue, suor e chibata.

Tentando estabelecer um contato entre as etnias, demonstrando que a relação da economia, cultura e política da cidade estava interligada ao desenvolvimento das populações que habitaram e colonizaram a região, tentado ampliar o debate para além a imigração alemã, buscou-se estabelecer pontos de contatos históricos que mostravam as conexões e relações estabelecidas ao longo do tempo. Também se tentou evidenciar que este desenvolvimento não aconteceu por coincidência e que as relações de poder envolvidas neste processo, de alguma forma, influenciaram os modos de vida, as visões culturais sobre o/a outro/a e os espaços que os sujeitos foram ocupando.

Além disso, se notava que a turma era fortemente influenciada por padrões midiáticos de estética pautada pela normatividade do ser branco/a (loiro/a, olhos claros, cabelos lisos, pele clara). Isso ficava evidente quando se observava os comentários de meninas que queriam que seus cabelos fossem lisos ou que gostavam de tal personalidade por causa da aparência da pele e dos olhos. Outra questão que se percebia era que as crianças negras tinham dificuldades para se integrarem com a turma e ficavam sempre mais próximas entre elas, isto ocorria principalmente entre as meninas. Ainda, comentários quase inaudíveis entre as crianças e piadas ditas nos grupos relacionadas a temas como macaco, banana ou preto, estavam presentes, mas não eram escancaradas com o educador. Com este pano de fundo posto, pôs-se a elaborar estratégias que pudessem trazer este debate para a discussão aberta e franca com a turma.

Em um dia, numa conversa informal, comentando sobre as tarefas que o educador exercia e formação, conversava-se sobre a influência da religiosidade na vida das pessoas e uma aluna fez a seguinte pergunta: “Macumba é coisa do demônio?”. Esta se tornou a pergunta inicial para iniciar o projeto. É fato que para o desenvolvimento de uma pesquisa é preciso ter uma pergunta e agora havia uma questão que poderia ser a porta de entrada para

trazer para o centro a discussão sobre as questões que vinham sendo observadas e fundamentais que fossem discutidas.

Para adentrar ao tema algumas introduções foram necessárias. Entender o conceito de religião nem sempre corresponde uma tarefa fácil.²⁰ Nos mais diversos níveis há sempre uma definição que se sustenta melhor elaborada. A verdade é que o universo que compreende a religião possui um caráter altamente relacionado às experiências, mas também fazer parte do próprio ser.²¹ É possível que as definições mais usuais tendam sempre a partir da palavra latina *religio* como um conjunto de regras, no entanto, este ainda não sintetiza o que de fato é religião. O ponto central é que ao longo da história²² muitas foram as tentativas de definir o que seria religião, porém, talvez, seja possível aproximar uma definição que poderia ser aceita de uma forma mais geral como “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”.²³

Frente a este desafio foi-se pedido que os/as educandos/as conversassem em casa com seus/suas familiares sobre o que significaria religião. Posteriormente, num compartilhar de ideias, os/as educandos/as puderam dividir com a turma sobre o que haviam conseguido em casa. As respostas foram as mais diversas passando desde uma forma/filosofia de vida até a salvação. Nesta conversa tentou-se estimular que os/as estudantes pudessem expressar o que sentiam em relação ao desconhecido e como o transcendental e o sagrado era entendido por eles/as. Em sua maioria, a religião consistia como uma experiência pautada pela família (influência familiar), na qual haviam que agradar a Deus, relacionando a figura da divindade com o castigo, ou com alguém bondoso que fazia tudo por eles/as (amigo).

Esta forma de compreender as significações da própria realidade religiosa tem como perspectiva o estabelecimento do que Santos chama de pensamento abissal. Para ele, esta concepção da organização social traça linhas entre o Velho e o Novo mundo, que

²⁰ GRELLET, Fábio. *Para juiz Candomblé e Umbanda não são religiões*. 16/05/2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,para-juiz-candomble-e-umbanda-nao-sao-religioes,1167749>>. Acesso em: 20 jan. 2015. Refutando o pedido do Ministério Público Federal (MPF), o juiz federal Eugenio Rosa de Araújo afirmou que “as manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões”, pois, “não contêm os traços necessários de uma religião” que seria um texto sagrado e “um Deus a ser venerado”. O pedido do MPF era que obrigasse o Google a retirar do ar 15 vídeos ofensivos contra a Umbanda e Candomblé disponíveis no YouTube que relacionava as religiões africanas com o demônio, o mal, drogas e a presença de doenças como a AIDS.

²¹ DIX, Steffen. O que significa o estudo das religiões: uma ciência monolítica ou interdisciplinar. *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, p. 01-28, 2007. p. 11-13. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

²² GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 16-17.

²³ SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, n. 02, p. 01-14, 2004. p. 04. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

anteriormente muito mais visíveis e demarcadas, mas que na modernidade ficou sinuosa, a ponto do lado de cá da linha (regulação/emancipação) se misturar com o lado de lá (apropriação/violência). Se no lado de cá da linha o pensamento é científico e validado pelos referenciais que se constituiriam como a verdade, do lado de lá da linha tudo é credence, magia e inferioridade. Traçar um reconhecimento por onde passa a linha abissal constitui em se reconhecer em seu papel, a sua identidade e suas convicções, bem como, conhecer as validades do sagrado do que está posto do lado de lá da linha, para que assim seja possível vislumbrar a superação da linha abissal, num movimento pós-abissal, podendo prospectar uma ecologia dos saberes, na qual as realidades são reconhecidas como válidas de verdade e partes de tal, contribuindo entre si para um constante vir-a-ser.²⁴

Portanto, nesta tentativa de romper com esta linha abissal, almejando um movimento pós-abissal, as estratégias que se seguiram foram na direção de um conhecimento do/a outro/a. Neste sentido, prezando também por um desenvolvimento acadêmico, pesquisas em textos que apresentavam a questão histórica do desenvolvimento da religiosidade afrodescendente, bem como, suas concepções de entender o mundo, sua relação com a natureza e a coletividade humana foram pontos sempre destacados nos textos propostos para leitura. Junto a isso, buscou-se discutir com a turma sobre as linhas abissais que elas conheciam ou imaginavam, trazendo à vista as relações sociais, econômicas e políticas que estavam presentes na cotidianidade das crianças. A partir disso, conseguiu-se alcançar o debate sobre o racismo e a compreensão de que a relação que se estabelecia entre elas inferiorizava àquelas que tinham formas diferentes daquelas estabelecidas pelo padrão do mercado midiático, deixando a turma era constituída de pessoas com características diferentes.

Neste sentido o conceito de alteridade esteve inserido como pano de fundo para embasar as práticas tanto propostas no dia a dia da sala de aula, como também, na perspectiva do cotidiano fora da sala de aula. Pensando nisso, entendeu-se a alteridade como um esvaziar-se do ser-em-si em direção do se-por-outro.²⁵ Neste processo de encontro e reconhecimento, não se pretende definir o que o/a outro/a é ou deveria ser num exercício próprio consciente do ser, mas este se mostra como é a partir de seu rosto.²⁶ E neste movimento de conhecimento

²⁴ SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Novos Estudos*, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

²⁵ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 269.

²⁶ LÉVINAS, 1997, p. 203.

que o eu se torna responsável pelo/a outro/a, pois a alteridade que se estabelece não tem como ser distante, mas, pelo contrário, ela aproxima, traz para perto do eu o/a outro/a que antes estava longe. Assim, também, a responsabilidade com o/a outro/a não é apenas um movimento com o próximo prático, perto de si, mas uma alteridade com a situação proximal de toda situação de morte. Quer dizer, uma responsabilidade que excede o/a outro/a como indivíduo, e que se responsabiliza pelo/a outro/a que é todo/a e qualquer, excedendo o tempo e o espaço. É uma responsabilidade que também corresponde à história, aos fatos que aconteceram e à memória.²⁷

A partir destas conversas e o estabelecimento do que de fato se evidenciava nas relações da turma e comprometendo-se em propor mudanças que respeitassem os/as colegas,²⁸ partiu-se para uma pesquisa sobre como as outras crianças entendiam o tema do racismo. No momento do recreio, cada qual entrevistou 5 crianças, com perguntas com respostas simples (sim e não).²⁹ Após o recolhimento dos dados, passou-se ao tratamento de tais que apresentaram que 69 crianças achavam que existia racismo na escola e 36 achavam que não; 18 crianças se caracterizaram como racistas e 87 não se caracterizaram como racistas; 65 crianças conheciam alguém racista e 40 não conheciam alguém racista; 49 crianças já praticaram um ato racista e 56 não praticaram um ato racista. 95 crianças sabiam o que é racismo e 10 não sabiam o que é racismo.

A partir da discussão sobre o material recolhido, as crianças puderam ir percebendo, também a partir das provocações do educador, que ações praticadas no recreio se caracterizavam como racistas e que muitas brincadeiras acabavam inferiorizando os/as colegas. Concluiu-se então que pequenos atos que muitas desconsideravam sob o disfarce da “brincadeira”, na verdade, era uma forma de racismo e que para mudar esta situação as relações entre os/as colegas deveriam evitar piadas, nomenclaturas ou qualquer ato que desrespeitasse o/a outro/a. A partir disso, elaborou-se com a turma um painel em que foram evidenciados os dados da pesquisa realizada pela turma, juntamente com a interpretação e as conclusões que foram construídas pelos/as educandos/as.

²⁷ LÉVINAS, 1997, p. 197-201.

²⁸ Cabe um destaque a uma dinâmica realizada na turma em que numa tabela com três colunas. A primeira coluna era destinada ao nome de um/a colega. Na segunda coluna, respectiva à primeira coluna, era para ser preenchida com uma caracterização positiva que ela própria se identificava. Na terceira coluna, a criança que estava com a tabela, identificava uma característica positiva sobre a criança em questão na primeira coluna. Este processo foi importante para uma reflexão sobre o que é bom no ser em si, para que assim pudesse mostrar-se aos/às seus/suas colegas, e também identificar o que os/as colegas identificavam como positivo do eu.

²⁹ As perguntas elaboradas junto com a turma para a pesquisa foram: 1 – Você acha que tem racismo na escola?; 2 – Você é racista?; 3 – Você conhece alguém que é racista?; 4 – Você já praticou um ato racista? 5 – Você sabe o que é racismo?

Considerações finais

Com as reflexões apresentadas acima, cabem algumas pontuações sobre os assuntos discutidos. A princípio acredita-se que a linha abissal que separa as religiões de matriz africana à inferioridade e à demonização também é fruto de um racismo presente na sociedade brasileira, mas que não é assumido como tal, assim, subterrâneo, tornando-se uma forma de se relacionar com os/as afrodescendentes, quase como um *modus operandi*, dentro de uma normalidade de invisibilidade. Desta forma, tudo que possa estar relacionado com o/a negro/a é qualificado como ruim, como mal, como de segunda categoria etc, e, sendo assim, é passível de toda forma de chacota, piada ou “brincadeira”. Frente a isso, a reação esperada, e, em muitas vezes, assumida, é a da aceitação do “seu lugar” pelas pessoas afrodescendentes.

Por outro lado chama a atenção de que as pessoas, nos últimos tempos, principalmente com o avanço das tecnologias virtuais, têm se autorizado a, muitas vezes, dizerem o que pensam sem se preocupar com o “politicamente correto”. Isto fica evidente a partir da pesquisa feita e apresentada anteriormente pelo Labic, como também, de certa forma, na pesquisa realizada pela turma. Surpreende quando 18 crianças se caracterizam como racistas. É possível discutir até que ponto as crianças entendiam o que de fato significava o termo, mas, parece, relacionando com as conclusões do Labic, que a sociedade está se autorizando, em geral, talvez em nome de uma “liberdade de expressão”, de se manifestarem pejorativamente em relação ao/à outro/a, o que se torna profundamente perigoso para o desenvolvimento social, pois a história recente mostra as atrocidades cometidas quando as pessoas se autorizaram a dedicar ao/à outro/a toda sua compreensão de autoridade (rapidamente para lembrar Apartheid, massacre palestino e o holocausto).

Por fim, um último destaque diz respeito à maquiagem que se criou para não se falar especificamente nos termos que determinados preconceitos acontecem, a saber, a estimada caracterização de tudo como *bullying*, no que facilmente o racismo pode ser transformado. Racismo é crime e deve ser compreendido como tal. Isto porque, quando se abranda uma situação de preconceito não se entende toda a atrocidade que um ato racista faz com a pessoa que o sofre. Esta forma de abrandamento tende a qualificar as reações contra o racismo como exageros, inibindo vozes que se levantam contra tais atos, naturalizando e reforçando ações cotidianas de preconceitos pejorativos e mantendo e definindo espaços socialmente desprivilegiados àqueles/as destinados/as a serem inferiores. Assim, a sala de aula deve ser um local para romper com estas linhas abissais, compreendendo-se como um local de

mudança e de provocações que superem a discriminação através de uma construção coletiva de saberes e de uma aproximação ao rosto do/a outro/a.

Referências

CERQUEIRA, Daniel. **Boletim de Análise Político-Institucional**: participação, democracia e racismo? 17/10/2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/131017_bapi4_daniel_racismo.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

DIX, Steffen. O que significa o estudo das religiões: uma ciência monolítica ou interdisciplinar. **Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**, p. 01-28, 2007. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SILVA, Marcos Rodrigues da. Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso. São Leopoldo, **Identidade**, v. 16, n. 02, p. 249-258, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/239/255>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

LABIC. **Rede de interações de páginas policiais no Facebook**: a violência como hit. 05/03/2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Coord. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. Goiânia, **XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, p. 01-06, 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de; LIMA, VERÔNICA COUTO DE ARAÚJO. Segurança pública e racismo institucional. **IPEA: Boletim de Análise Político-Institucional**, Brasília, n. 4, p. 21-27, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/1301017_boletim_analisepolitico_04.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos Estudos**, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SDH (Secretaria de Direitos Humanos). **Guia Municipal de Prevenção da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens**. Rio de Janeiro: Observatório das favelas, 2012. Disponível em: <http://www.mdgfund.org/sites/default/files/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, n. 02, p. 01-14, 2004. p. 04. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014 – os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015.